



Capítulo XV

Oficinas de Escrita: narração e produção de cuidados no contexto da rede de atenção ao uso prejudicial de drogas

*Rita Pereira Barboza, Marília Silveira,
Tanise Kettermann Fick, Analice de Lima Palombini*

Este escrito narra as experiências metodológicas vividas a partir das Oficinas de Escrita realizadas nas duas edições do “Curso de Atualização em gerenciamento de casos e reinserção social de usuários de crack e outras drogas”, promovido, em 2012, pela Rede Multicêntrica para educação permanente e apoio institucional às políticas de cuidado aos usos e abusos de drogas. O narrar, tanto na proposta da oficina quanto neste texto, pretende produzir outros olhares sobre a experiência vivida, dando a ver suas potências e amplitude. Nossa escolha de escrever aposta também em disseminar, ao modo como nos oferta Despret:

(...) “não ser nem o mestre, nem o único autor, mas um vetor de disseminação e de memória daquilo que pede para ser preservado no ser. (...) aprender a fazer memória com aquilo que aprendemos, ao mesmo tempo, aceitar de vê-lo desaparecer. E pensá-lo”. (DESPRET, 2011, não publicado).

A proposta dos cursos da Rede Multicêntrica surge a partir do edital 002/2010 da Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas do

Ministério da Justiça e tem como objetivo a educação permanente na área de drogas voltada para trabalhadores da saúde e assistência social e outros serviços de acolhimento e cuidado a pessoas que usam drogas dos municípios da 1ª, 2ª e 18ª Coordenadoria Regional de Saúde de Rio Grande do Sul. Conforme o edital foram desenvolvidos quatro cursos. O curso do qual nos ocupamos era voltado para técnicos trabalhadores do SUS e do SUAS e teve duas edições. Em ambas as edições, realizamos uma oficina de escrita, com duração de três horas e cerca de trinta participantes a cada vez. A primeira oficina aconteceu em Porto Alegre, e a segunda em Canoas.

Apesar da proposição do edital apresentar um caráter mais vertical de capacitação e informação para os cursos, a Rede Multicêntrica tomou como desafio desenvolver as atividades de maneira horizontal, apostando na implicação dos alunos e em sua potência de problematizar as suas práticas para construir outros olhares sobre o cuidado de pessoas que usam drogas. Os cursos da Rede Multicêntrica se caracterizaram pela metodologia baseada na Redução de Danos, paradigma também da ética e da estratégia de cuidado propostas, na perspectiva do trabalho em Rede.

Cabe ressaltar que o exercício de oficinas de escrita já acompanhava o grupo deicineiras, aqui autoras, em uma trajetória anterior. Marília, psicóloga, na época dos cursos desenvolvia seu mestrado em Psicologia Social e Institucional na Ufrgs com dissertação na área da escrita e clínica, tendo vivenciado experiências de coordenação de oficinas de escrita com alunos do curso de psicologia e trabalhadores da Atenção Básica de Novo Hamburgo (RS) (SILVEIRA, 2010; 2013). Já Rita e Tanise, também psicólogas, haviam participado de um projeto de pesquisa e extensão de oficinas de escrita com trabalhadores dos Serviços Residenciais Terapêuticos Morada São Pedro e Morada Viamão no período de 2008 a 2010 (PALOMBINI; BARBOZA; FICK; BINKOWSKI, 2010).

Para as trêsicineiras o percurso em psicologia foi acompanhado por incursões na dança, teatro e psicodrama. Em 2011, o trio desenvolveu oficinas de escrita junto à Escola de Supervisores

Clínico-institucionais da Rede de Atenção em Saúde Mental, Álcool e outras Drogas, vinculada à Escola de Saúde Pública do Rio Grande do Sul (ESP/RS), experiência que trouxe contribuições e modificações importantes na sua metodologia de trabalho. Acompanhando esses trabalhos, seja como coordenadora e integrante da equipe executora do projeto de pesquisa e extensão, orientadora de mestrado ou ainda como supervisora, esteve a quarta autora desse texto, Analice Palombini – docente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Escolhemos narrar neste texto alguns fragmentos do percurso metodológico de nossa oficina nas duas edições da Rede Multicêntrica e os conceitos/autores que inspiram nossa prática. Para isso tomaremos o roteiro que criamos para as oficinas como fio condutor desta escrita, de modo a convidar o leitor a se aproximar dessa construção e de algumas reflexões acerca da experiência.

Apresentação da Oficina:

Uma oficina nunca se repete nem é antecipável. Ainda que tenha um roteiro pré-estabelecido, ela acontece de acordo com a singularidade de cada grupo. Nossa proposta de oficina pressupunha um fazer artesanal e coletivo, tendo como condição a participação ativa e implicada de cada um de seus atores – encontrava-se afinada, portanto, com a direção da metodologia do curso, que pretendia desafiar as relações de saber e poder provocando os alunos a construir o seu trajeto de conhecimento.

O primeiro momento da oficina consistia em nossa apresentação como oficinairas e uma contratação essencial para a atividade que desenvolvíamos: a partir de uma conversa sobre a diferença entre *aula* e *oficina*, estabelecíamos com todos interessados o acordo de participar ativamente da proposta. Contrato feito, cada um apresentava-se e já aquecia a narração lançando ao grupo uma palavra que lhe remetesse ao trabalho com pessoas que fazem uso prejudicial de drogas.

Esses momentos, em ambas as turmas, se caracterizaram por estranhamento e desacomodação dos grupos, desde a tarefa de organizarem-se em um círculo para que todos pudessem enxergar-se, até a apresentação de seu nome e uma palavra. Essa desacomodação é parte importante no processo da oficina que pretende um deslocamento também de posições subjetivas e de discursos sobre trabalho, cuidado, drogas, entre outras temáticas, sobretudo para produzir o que chamamos de cuidado de si – conceito que desenvolveremos no decorrer dessa narração (FOUCAULT, 2004).

Resgatar o corpo para narrar histórias:

No caminho de nossos oficinares, ainda antes da Rede Multicêntrica, descobrimos a potência do corpo para “torcer” o tempo (BERGSON, 2006). Produzir outro estado de relação dos participantes com a proposta da oficina era algo que marcava a entrada no trabalho após a conversa inicial.

Para os grupos da Rede, nesse momento, o convite era para fechar os olhos – quem não quisesse, podia apenas relaxar os olhos. Alguns iam deitando-se sobre a cadeira a fim de olhar para o teto, outros encontravam nas paredes uma direção para o seu olhar, outros ainda fechavam os olhos, e o burburinho da sala ia acalmando. A partir daí, o exercício era dar atenção para o próprio corpo: “que partes do seu corpo estão apoiadas na cadeira? No chão?”, “como está sua respiração?”. Essas eram algumas perguntas de que nos servíamos para guiar o exercício de percepção de si naquele instante, apostando que aqueles corpos guardavam histórias. Uma espécie de preparo, de saída da rotina apressada dos serviços, o habitar de outro tempo – que não era parado, mas ofertava outro ritmo, uma certa lentidão.

Algo importante neste momento, inspirado no psicodrama argentino (FERNÁNDEZ, 2009): uma de nós guiava o exercício falando pausadamente, sem deixar em meio ao silêncio as pessoas de olhos fechados, ofertando um fio de condução que permitia um conforto, uma direção e não apenas o largar-se na escuridão de cada um. Para

que nós também não nos perdêssemos, escrevemos um roteiro que mantínhamos à mão, caso as palavras nos faltassem. Imprimíamos, assim, um ritmo semelhante ao da contação de histórias ao desenrolar da atividade. Um exercício de respiração era evocado também, uma pequena sequencia de respirações profundas a fim de alterar o estado daqueles corpos:

(...) “Agora experimentem respirar um pouco mais profundamente e deixem que o corpo faça pequenos movimentos exigidos pela respiração. O ar ocupa espaço em nós, então, quando aumentamos o volume de ar que entra e sai do nosso corpo, é preciso fazer pequenos ajustes para permitir que o ar entre. Na expiração, o corpo relaxa, mas não cai. Tentaremos manter o espaço conquistado na inspiração.

Nesse exercício de encher e esvaziar o corpo, vamos abrindo um espaço que pode ser preenchido com a criação. Nós estamos buscando um estado criador de vasos comunicantes entre o corpo e o pensamento, um estado de atenção capaz de nos manter abertos para as demandas que podem surgir do corpo (trecho de nosso roteiro)”.

Um corpo que não é mera organização, mero organismo, mero conjunto de órgãos, contra os quais Artaud (1947) tanto guerreara – guerra não aos órgãos, explicam Deleuze e Guattari (1976), mas ao organismo, a essa organização imutável e surda. Guerreemos com Artaud na direção de escutar esses trabalhadores, para além do conjunto de órgãos. O trabalho com o usuário de drogas é um trabalho tenso, um embate constante com a diferença, um embate que provoca turbulências no corpo do trabalhador. E o trabalhador guarda as marcas desse embate, no silêncio, no choro contido, na dúvida, no não saber onde nem com quem partilhar essas sensações.

Nossa oficina teve esta proposta de encontro com o corpo, sustentado também no conceito de corpo afetivo (ROLNIK, 1989,

1993). Suely Rolnik (1989) diz que um corpo sensível ou afetivo pode ser produzido na medida em que é afetado e se permite modificar pelos afectos. Há um corpo presente que vive e sente a passagem das intensidades – um mal-estar, uma euforia... – às vezes sem conseguir nomeá-la. O corpo, por estar sensível às passagens dos afectos, modifica-se neste processo. Daniel Lins (2010) faz uma leitura que distingue os dois termos, *afecto* e *afeto*:

(...) “*afecto* é da ordem do desejo, ao qual nada falta: nem falta nem excesso, nem faltada falta, é o *conatus* de Espinosa. *Afeto* é da ordem do trauma, da falta, da demanda constante de amor, é uma produção psicológica de um sujeito atrelado à árvore, à origem, à estrutura, ao começo e ao fim. É o sujeito linear por excelência. (LINS, 2010, p. 58).

A produção desse corpo está diretamente relacionada à produção de subjetividade: um corpo que, do afeto, aproveita o sentido, para produzir potência, afecção... um corpo que não paralisa diante dessa experiência. Procuramos, nesses encontros, provocar a produção desse corpo afetivo, sabendo das limitações que uma oficina de três horas de duração nos impõe. De todo modo, nosso objetivo era provocar, desacomodar... Então, dizíamos:

(...) “nosso corpo não é feito somente de órgãos, é feito também de memórias, de histórias, de desejos, de hábitos, valores, erros e acertos, alegrias, tristezas. É no corpo que nossos afetos se atam e de repente se exprimem, mas nele também os afetos se desatam, entram em luta, apagam-se uns aos outros e continuam seu insuperável conflito. O corpo não para, mesmo que pareça em repouso, tudo no corpo se desloca. E, se sentimos um cheiro, ou escutamos uma música, olhamos uma fotografia, esses eventos...” (trecho de nosso roteiro)

Apostávamos na experiência que opera microscopicamente. Queríamos conexão com um estado de presença capaz de perceber que o movimento continua em silêncio no fundo dos corpos. Esse modo de perceber o mundo, por alguns instantes, pelos sentidos do corpo abre passagem. Corpos de passagem para sensações, sentimentos que ainda não foram classificados, cheiros, cores, formas, vozes: é com isso que entramos numa cena.

(...) “Vamos focar agora numa dessas sensações, num cheiro, num som, numa lembrança afetiva, de um momento em que estávamos envolvidos no contexto de trabalho com o uso e abuso de substâncias psicoativas. Que sensação marcou vocês nesse campo? Que marcas o corpo de vocês traz? O que essas marcas (uma tensão, uma sensação, um incômodo...) fazem vocês lembrarem?” (trecho de nosso roteiro)

Essas marcas são afectivas, produzem sentidos em múltiplas direções, seja para sua parte “significativa – sentidos do texto –, imagens veiculando referências ao mundo” (LINS, 2010, p. 67), seja para aquilo que não é “diretamente representativo: ritmo, sonoridades, visualização imaginária (...)” (idem p. 57). Os afectos provocam o corpo que já

(...) “não é mais o obstáculo que separa o pensamento de si mesmo, aquilo que ele deve superar para conseguir pensar, mas aquilo em que ele “mergulha” ou “deve mergulhar” para atingir a vida. (...) [Deleuze, (1998)] afirma que o corpo força a pensar, e força a pensar o que escapa ao pensamento. O pensar se dá sob a intrusão de um lado de fora que aprofunda o intervalo e nos faz mergulhar num interstício entre ver e falar”. (LAZZAROTTO, 2009, p.23)

Entre ver e falar, guardamos memórias, sentidos, provocados a ganhar contorno aqui, pela escrita.

Entrar na cena: escrever

(...) “Agora, “possuídos” desses afetos, busquem, a partir dessa memória do corpo, alguma cena de trabalho que se conecte com essa sensação que vocês evocaram neste instante...

Segurem a primeira cena que vier e entrem nela, vejam quem está ali, quais as sensações, sons, cheiros que pairam no ar...

Com quem vocês estão? Que lugar é esse? O que está acontecendo?” (trecho de nosso roteiro)

Provocávamos os participantes a encontrar uma cena que os tivesse marcado, inquietado, que os tivesse colocado em conflito com as coisas que haviam estudado ou em que acreditavam para que, então, ao abrir os olhos, encontrassem no papel em branco um lugar onde verter a cena

(...) “Tendo montado então imaginariamente a cena e os elementos que a compõem, junto com todas as sensações que vocês lembraram dela, agora podem ir abrindo os olhos e, com as sensações presentes em vocês, experimentem NARRAR a cena na folha que está já na frente de vocês. Narrar no sentido de contar para todos nós aqui presentes o que se passou na cena que vocês lembraram” (trecho de nosso roteiro)

Escrever para cuidar de si:

Entendemos que escrever sobre si e sobre o seu trabalho para os outros é escrever também para si, num processo de construção de

subjetividade como trabalhador. Quando propomos que escrevam uma cena, não tratamos, pois, de escrever um diário íntimo, mas de passar, através de uma história pessoal, algo que toca outras pessoas.

(...) “Foucault não emprega a palavra sujeito como pessoa ou forma de identidade, mas os termos “subjetivação”, no sentido de processo, e “Si”, no sentido de relação (relação a si). (...) Trata-se de uma relação da força consigo (ao passo que o poder era a relação da força com outras forças), trata-se de uma “dobra” da força. Segundo a maneira de dobrar a linha de força, trata-se da constituição de modos de existência, ou da invenção de possibilidades de vida que também dizem respeito à morte, a nossas relações com a morte: não a existência como sujeito, mas como obra de arte”. (DELEUZE, 1992, p.116)

Uma obra de arte feita no lapidar das palavras: Foucault situa a escrita como uma das técnicas próprias ao cuidado de si. É assim que, no contexto de nossa oficina, entendemos o exercício da escrita referente à produção de narrativas como fortemente concernido à ideia de cuidado (cuidado de si, cuidado dos outros).

Em 1983, no texto “A escrita de si”, Foucault conta que na história greco-romana a escrita era tratada como exercício para aprender a arte de viver. A leitura como meditação permitia a elaboração e assimilação dos discursos operando na transformação da verdade em “ethos”, ou seja, em instrumento de ação para viver em sociedade. Esta prática, denominada “etopoiética” aparece de duas formas: os “Hypomnêmata” e a correspondência.

O primeiro formato define-se por anotações que buscam a complementaridade entre leitura e escrita para um exercício de “bem viver”. Consiste em uma “memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas”, (FOUCAULT, 2004), com o objetivo de servir de instrumento para meditação e releitura posterior, seja para

elaboração de textos mais sistemáticos ou para apropriação de ideias. A noção de memória aqui remete à subjetivação de um discurso e não a uma simples enumeração de lembranças. A finalidade é a constituição de si sem a necessidade de realizar descobertas, inventar ideias novas, mas captando e compreendendo aquilo que já foi dito e escrito. Indispensável é, para a escritura, a prática de leitura, pois a ajuda dos outros é necessária para se extrair princípios racionais de condução de vida.

Já as correspondências funcionavam como um exercício meditativo compartilhado, importando mais a ação de registrar e dividir do que o conteúdo em si dos escritos, que variavam de conselhos a anotações e notícias cotidianas da vida dos remetentes. A carta possui o poder de repousar os olhos sobre o destinatário, ao mesmo tempo em que desnuda o autor numa prática de cumplicidade e generosidade.

O que temos nessas práticas etopoiéticas é uma profunda ligação entre teoria e prática – a escrita servindo para a ação cotidiana e a memória tendo importância como um livro aberto o qual seria imprescindível consultar antes de planejar algo para o futuro. Escrever, portanto, vai além da função de registro para ocupar a função de experiência, de exercício, no qual se combina o já-dito com a singularidade do sujeito e da circunstância. Sendo um princípio de ação, a escrita passa à dimensão de corpo vivo.

Assim, trabalhando com uma escrita que se aproxima daquilo que Foucault chama de Escrita de si, visamos à transformação da verdade em *éthos*, ou seja, buscamos operar mudanças nas ações. A escrita é o dispositivo que nos leva a pensar sobre nossas práticas. No deslocamento do sujeito com relação ao que ele é por efeito do pensamento, a escrita e a leitura tornam-se elementos de um “cuidado de si”. Podemos chamar dispositivo, no sentido de promover o disparo de uma cadeia de processos que atinge a cada integrante de uma maneira distinta, própria.

Escrever desencadeia um processo de atenção em nós. O que passa? Que caminhos isso faz? Como nos toca? Que relação se

estabelece? Que marca deixa? Escrever é registrar, é dar corpo ao que se experimenta no universo das sensações. Enquanto escrevemos, damos pausa, que não está congelada; pelo contrário, é o momento em que o corpo se expande no instante – instante em que se detém para se perceber, em que se respira, abre-se, deixa-se existir, sem querer ser isso ou aquilo.

Buscamos pensar a escrita como agenciamento, um encontro com a cena vivida e não uma representação dela. Não buscamos que a cena seja “reconstruída”. A cena rememorada carrega uma versão do acontecido (cheia de buracos, de lapsos de memória), e nela a escrita encontra seus limites. Buscamos, antes, que a cena possa ser inventada ou desenvolvida, no sentido proposto por Naffah Neto:

(...) Des-envolvimento significa aqui exatamente o que a origem etimológica explicita, ou seja, des-enredamento, diferenciação; portanto, nada que tem a ver com a ideia de evolução ou progresso, no sentido de uma direção pré-determinada ou de uma sequência de configurações. A vida doente é a vida enredada por valores que a intoxicam, obstruem, empobrecem, necessitando des-envolvimento, soltura, liberdade, para recuperar a sua potência criadora e produzir novas formas (NAFFAH-NETO, 1994 p. 23.)

A tarefa de escrever sobre o trabalho também ajuda a desenvolver as tramas dos encontros, colocar no papel a raiva e a angústia que muitas vezes ficam em nós, produzindo uma distância que alivia e permite pensar.

Compartilhar: impasses na entrega dos textos

Após o exercício de transformar algum resto de memória na escrita de uma narrativa, nossa proposta era compartilhar essa produção. De acordo com Benjamin (1994), uma história vivida só tem

o status de experiência a partir do momento em que pode ser compartilhada com outros. A vivência é solitária, a experiência é coletiva. Interessa compartilhar a história na medida em que ela traz elementos que transformam as histórias individuais e legitimam o que se viveu. Para isso, sentimos a necessidade de preparar o corpo para abrir-se, para escutar e acompanhar a leitura do texto do outro. Propusemos um exercício com o objetivo de facilitar nosso corpo a ser acompanhante e acompanhado – seguir-nos no compartilhamento dos textos construídos. Tentamos tornar os participantes do grupo sensíveis ao silêncio e à comunicação que ocorre em uma linguagem sem as palavras.

Nossa proposta era caminhar livremente pela sala. E nessa caminhada buscar um estado de prontidão, um estado de jogo. Tínhamos a intenção de trazer a atenção para sentir como está nosso corpo: como estamos respirando, se temos alguma tensão, peso, resistência. Como meu corpo pisa o chão? E como se desloca? Aproveitamos para observar que essa caminhada não precisava ser circular, temos muitas opções de trajetos a fazer. Vamos aos poucos fabricando a energia de um grupo que caminha livremente pela sala.

No primeiro encontro de oficina de escrita da Rede, depois que os participantes escreviam os textos, estes eram recolhidos e logo depois entregues de forma aleatória. Tínhamos a intenção de produzir um gesto de desprendimento do autor em relação ao seu texto. Dessa forma o escrito poderia ser lançado a outros olhares e interpretações., Percebemos, no entanto, que muitos participantes mostravam-se angustiados quando escutavam seu texto lido por alguém. Alguns se aproximavam e ofereciam-se para decifrar a letra, outros estavam afoitos para traduzir o que haviam escrito e, não raro, tínhamos longas explicações que extrapolavam o texto. Então, para a oficina da segunda edição do curso, decidimos dar mais atenção ao momento de separar o autor do texto. Trabalhamos no sentido de criar condições de fazer a entrega, deixar o texto ir e dizer o que ele tem a dizer, sozinho, sem nenhuma explicação. Pensamos que a caminhada poderia acontecer com o texto em mãos; conectamos ao exercício da

caminhada a tarefa de perceber o estado em que se encontravam depois de escrever cada um seu texto; e propusemos que esse estado pudesse ir-se junto com o texto, entregue a um colega.

Durante a caminhada, pedimos que os participantes olhassem os colegas e escolhessem para quem gostariam de entregar o seu texto. A única regra era que o escolhido quisesse também partilhar seu texto com essa pessoa. Teria que ser uma escolha recíproca. Ficariam algum tempo se olhando e se escolhendo. Quando percebessem que haviam encontrado a pessoa, deveriam passar a andar juntos, lado a lado (ainda sem entregar o texto), para ganhar confiança um no outro. Confiança é algo que se constrói num processo, não se dá logo de cara. Nesse momento, não havia nada a ser dito, nada a explicar, os participantes deveriam escolher o colega e, de forma silenciosa, construir uma relação de confiança para a entrega do seu texto. Um ritmo era criado, um acompanhar e ser acompanhado que promovia uma atmosfera de cumplicidade. Até a hora em que se tornasse possível fazer a troca dos textos.

Ao receber o novo texto, os participantes recebiam uma ideia nova e deviam seguir caminhando com essa ideia nova. Tomavam contato com ela, que podia ser uma ideia estranha ou uma ideia com a qual se reconheciam. Cadaicineira reunia-se com aproximadamente oito duplas e propunha a leitura silenciosa dos textos recebidos. Os participantes escolhiam então o trecho que mais os havia marcado para tentar compor, a partir dessas escolhas, um texto coletivo a ser construído e narrado ali, naquele momento. Alguém que se sentisse à vontade iniciava a leitura do seu trecho, e os demais iam percebendo em que momento o seu texto escolhido se encaixava na narrativa coletiva. Essa nova narrativa coletiva era lida ao sabor do momento, não ganhava registro escrito no papel, mas se inscrevia na experiência de cada pequeno grupo. Essa tentativa de deixar a experiência falar por si se aproxima daquilo que Foucault (2004) denomina de apagamento ou morte do autor. Foucault evoca Samuel Beckett quando este diz: "Que importa quem fala, alguém disse, que importa quem fala". Assim, para além de uma autoria individual, os grupos da

Rede puderam partilhar uma experiência coletiva, produzida no encontro inesperado de fragmentos de suas escritas.

Após a leitura e a partilha dessa narrativa coletiva, promovíamos uma conversa nos pequenos grupos sobre o texto coletivo e as impressões que causavam – se perpassava o cotidiano de todos, se dizia algo de si ou se era algo distante.

Finalizar:

Ao final do trabalho nos pequenos grupos, abrimos uma roda para fazer passar pelo grande grupo os afetos do encontro. Neste momento também conversamos sobre os autores que nos inspiraram nessa produção, e que, aqui, optamos por fazer aparecer ao longo do texto. As palavras ditas no início pelos participantes eram lembradas e se encontravam com as sensações advindas da experiência da oficina. Alguns se surpreendiam por encontrar na narrativa do outro algo que parecia ser só seu. Descobrir a prática do outro, aproximar-se do sofrimento e da dificuldade alheia eram temas que apareciam nessa conversa final. Era algo importante também do ponto de vista político, posto que o curso da Rede reunia os diversos serviços de um mesmo município, produzindo essa escuta entre os profissionais que, às vezes, não tinha outro lugar para acontecer.

Que marcas esse trabalho deixou? Que construções possíveis? Provocamos aqui uma aproximação com o que Foucault desenvolve em seu texto, “A vida dos homens infames”, de 1977. Este escrito reúne fragmentos de discursos provenientes de arquivos de polícia, de petições ao rei e das “*lettres de cachet*”, na França, no período de 1660-1760 aproximadamente. O que esses fragmentos têm em comum é o encontro do discurso popular, sem voz, com o poder. São cartas das quais a população se servia para comunicar-se com o rei ou outras instâncias de poder e denunciar as mazelas do seu cotidiano, buscando punir sujeitos considerados desajustados para o convívio. A linguagem viva do dia-a-dia confunde-se com formas pomposas, tornando único o discurso presente nestas cartas. Assim como as

cartas julgam e condenam, o encontro com o poder dá luz a essas vidas infames, marcando seu lugar na história. Ao mesmo tempo, o nome do autor não é categorizado como nada além do próprio rosto da infâmia. As palavras são utilizadas como instrumento direto de interferência na realidade. A linguagem toma vida a partir das relações de poder.

Assim como nas *lettres de cachet*, na oficina de escrita promovemos um encontro de discursos, dando visibilidade àquilo que são as histórias comuns dos nossos homens infames – usuários de drogas, seus familiares e comunidade – envolvidos na rede de uso, abuso de drogas e atenção às suas vulnerabilidades e necessidades. Fragmentos de histórias, dores, dificuldades, sensação de impotência e fracasso, alegrias, que, por vezes, o trabalho produziu nos participantes puderam aparecer. Eram partilhadas e reconhecidas pela escuta-testemunho do grupo. Testemunha, segundo Gagnebin (2006) é aquele que não vai embora, que escuta a narrativa insuportável do outro e aceita suas palavras.

Diante do caos que permeia a experiência de cuidado às pessoas que fazem uso prejudicial de drogas, faz-se necessário a possibilidade de sustentar o afeto e o incômodo que acompanham as narrativas. Assim entendemos a função da nossa oficina de escrita com esses grupos. Como testemunha do que é quase inenarrável, como insistência em fazer falar e fazer ouvir os ecos de uma história que tende a ser apagada pela ansiedade de acomodar e produzir. Dessa maneira percebemos uma aproximação com a figura do *Anjo da História* que nos é apresentada por Benjamin,

(...) Há um quadro de Klee intitulado *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece preparar-se para se afastar de qualquer coisa que olha fixamente. Tem os olhos esbugalhados, a boca escancarada e as asas abertas. O anjo da história deve ter este aspecto. Voltou o rosto para o passado. A cadeia de factos que aparece diante dos nossos olhos é para ele uma catástrofe sem fim,

que incessantemente acumula ruínas sobre ruínas e lhes lança aos pés. Ele gostaria de parar para acordar os mortos e reconstituir, a partir dos seus fragmentos, aquilo que foi destruído. Mas do paraíso sopra um vendaval que se enrodilha nas suas asas, e que é tão forte que o anjo já as não consegue fechar. Este vendaval arrasta-o imparavelmente (? , ver se esta palavra está correta) para o futuro, a que ele volta costas, enquanto o monte de ruínas à sua frente cresce até ao céu. Aquilo a que chamamos o progresso é este vendaval (BENJAMIN, 1994, p. 226).

Nosso texto sopra fagulhas de um modo de produzir cuidado em saúde mental. Nossa oficina, assim como este escrito, pretende apresentar a história como um relâmpago. Algo que pode ser trazido à luz e que pode ser novamente amontoado pelo “vento do progresso” de Walter Benjamin. Algo a ser soterrado nas ruínas da produção capitalista ou tomado como impulso a um novo olhar e um novo fazer nas práticas cotidianas de cuidado, que precisará ser trabalhado em sua constante construção e desconstrução.

Referências:

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas I).

_____. Sobre o conceito de história. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas I)

BERGSON, Henri. **O Pensamento e o Movente**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

DELEUZE, G. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, G., GUATTARI, F. **O anti-édipo: Capitalismo e Esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

DESPRET, V. **Experimentar a disseminação**. Não publicado, 2011.

FERNÁNDEZ, Alicia. **Psicopedagogia em psicodrama: habitando el jugar**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2009.

FOUCAULT, Michel. A Ética do Cuidado de Si Como Prática da Liberdade. In: FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política**. Col. Ditos e Escritos V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979

_____. **O que é um autor?** Lisboa: Vega/Passagens, 1992.

_____. A vida dos homens infames (1977). In: **O que é um autor?** Lisboa: Passagens. 1992, pp. 89-128.

GAGNEBIN, J. M.. **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2006.

LAZZAROTTO, G. **Pragmática de uma Língua Menor na Formação em Psicologia: um diário coletivo e políticas juvenis**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, 2009.

LINS, D. Por uma leitura rizomática. **História Revista**, v. 15, n. 1, 2010, p. 55-73.

NAFFAH-NETO, A. **Outr'em mim**. São Paulo: Plexus Editora, 1998.

PALOMBINI, Analice de Lima et al . Cuidando do cuidador: da demanda de escuta a uma escrita de si. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, São Paulo, v. 13, n. 2, June 2010 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142010000200007&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 04 abril 2013.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

_____. Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. **Cadernos de subjetividade**(dossiê linguagens), São Paulo, n.2, p.241-251,1993.

Disponível em:

<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensamentocorpodevir.pdf> Acessado em março de 2013.

SILVEIRA, M. **Escritas de si, escritas do mundo: um olhar clínico em direção à escrita**. Monografia de Conclusão de Curso. Curso de Psicologia. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2010.

_____. **Vozes no Corpo, territórios na mão: loucura, corpo e escrita no PesquisarCOM**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, 2013.